

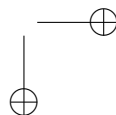
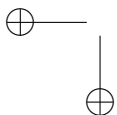
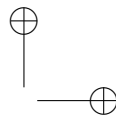
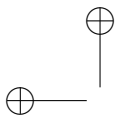
AS RAÍZES TERRENAS DO PERDÃO EM HANNAH ARENDT



José Carlos da Conceição Coelho

2011

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *As Raízes Terrenas do Perdão em Hannah Arendt*

Autor: José Carlos da Conceição Coelho

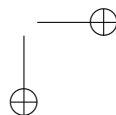
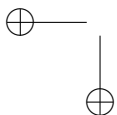
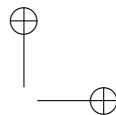
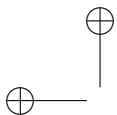
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

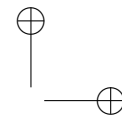
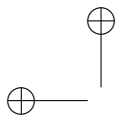
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





As raízes terrenas do Perdão em Hannah Arendt

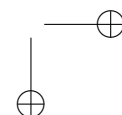
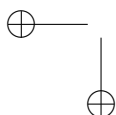
José Carlos da Conceição Coelho

Índice

INTRODUÇÃO	3
PRIMEIRA PARTE – Poder e Abismos da Memória	7
O Valor da memória	7
A necessidade da lembrança	11
SEGUNDA PARTE – Na Presença de Outros	16
O significado de estar no tempo	16
Um ser capaz de acção	22
CONCLUSÃO	25
BIBLIOGRAFIA	28

INTRODUÇÃO

Tratar as temáticas da memória, da lembrança, dos outros, do perdão e da promessa em Hannah Arendt é “vivenciar”, em humildade, a condição vivida pela própria autora. É notório que para a pensadora as circunstâncias da experiência viva são o lugar donde surge o pensamento que a elas fica ligado pois servem-lhe como orientação. O pensamento encontra-se fixado na particularidade da



experiência sendo este o modo de abertura do espírito em relação ao mundo. Por isso a situação enquanto judia levou-a a pensar na problemática judaica. Neste sentido fala das pessoas no mundo. E a situação dos indivíduos desprezados leva-os a pensar, julgar sem a ajuda da tradição.

Segundo Hannah Arendt o mundo exterior chama o indivíduo ao domínio da incerteza. Daí que a superioridade da experiência seja também a da memória bem como da linguagem. A memória escolhe, rejeita, vivendo no presente, angustiando-se com o que há-de vir mas ancorando-se no passado, no quotidiano da relação com o mundo.

Para que serve a história? Relaciona-se com o lembrar para conservar o que se aprende na memória futura do ser humano. Os humanos ao lerem histórias estão perante o dinamismo da história que pode ser perturbada pelo esquecimento. O poder de recontar reenvia para o poder de lembrar o passado e de prometer abrindo ao futuro.

Hannah Arendt detectou a quebra do que liga os indivíduos ao mundo, isto é, da tradição. Por isso indica a existência de uma ruptura entre o passado e o futuro, um tempo e um espaço em que as nossas antigas referências estão dissolvidas em memória sem sentido. A pensadora cita o poeta francês René Char quando comenta a herança do movimento francês da resistência: “*Notre héritage n’est précédé d’aucun testament*”¹. O autor francês mostra-nos a situação actual da condição humana, onde existe um fechamento no acesso aos tesouros do passado e da tradição. Para Hannah Arendt,

“Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e

¹ ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, (Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida), Editora Perspectiva, Brasil, 2000, p. 28 (Daqui em diante citamos a obra da seguinte maneira: ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, p.x.).

preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem”².

A quebra com o passado no domínio da política deve-se a um esquecimento dos acontecimentos passados. Assim, para que o presente possa beneficiar dessa herança do passado é preciso que a memória use esse tesouro.

Hannah Arendt socorre-se da História para resumir diversos aspectos da existência humana³. Recuperar o passado é garantir um sentido para o presente. Mas quem garante essa recuperação e qual o seu sentido?

Este estudo, composto por duas partes, para além de lembrar o valor da memória e da lembrança não se fica pelo excesso da mesma, mas dada a irreversibilidade e imprevisibilidade das acções humana, considera-se o perdão e a promessa como solução para aqueles problemas.

A primeira parte incide sobre uma panorâmica acerca da importância da memória como capacidade humana para conservar informações, actualizando aqueles tesouros do passado. Com o recurso a pensadores e a perspectivas caminhamos pelas imensas salas da memória. Interessante é, também, o estudo realizado por especialistas de várias áreas acerca da memória sobre os domínios da recordação, esquecimento. A memória é uma questão importante, pois por ela tem-se acesso ao tempo e à história. É evidente que não há indivíduos nem sociedades sem memória, pois as sociedades necessitam do depositário da memória. A memória evoca e conserva o passado.

² *Idem*, p. 31.

³ *Idem*, pp. 70 a 95.

O homem tem necessidade da lembrança, de viver da memória, de conhecer. O homem também comemora e guarda a memória do tempo, com a preocupação de não perder a memória, de a resguardar, bem como os lugares e os criadores da memória. É preciso salvar a memória, sem excesso da mesma, porque é nesta que a memória se constrói, para não se esquecer o passado pois este não morreu e nem é passado.

A segunda parte abre-nos para o sentido do estar no mundo, como algo incompleto. Desse modo há uma relação entre os momentos da história, como algo em aberto, pois estar no tempo significa que o sentido está em aberto. Daí que seja preciso situar o pensamento no tempo para que as coisas que os homens fizeram não sejam apagadas, mas descobertas, recuperadas à irreversibilidade e à imprevisibilidade pelo perdão e pela promessa, na relação com os outros. Isto é ser plural na teia de relações que os seres humanos estabelecem, entregues a si próprios, iniciando algo de novo.

PRIMEIRA PARTE

PODER E ABISMOS DA MEMÓRIA

O Valor da memória

O homem não pode pensar a vida humana sem memória. É porque temos a capacidade de reter o que aprendemos que lemos um texto, reconhecemos um amigo, um familiar. Pode falar-se em memória colectiva e memória individual. Há, em ambas, a capacidade para conservar informações, podendo o ser humano tornar presente as impressões e as informações do passado. A memória colectiva tem em vista preservar a tradição e a estabilidade nos vários momentos da história de um povo ou de um indivíduo “*O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios*”⁴. Vários domínios se interessaram pela memória. Desde a psicologia, psicofisiologia, neurofisiologia, biologia à psiquiatria e mais recentemente os domínios da cibernética e da biologia “ [...]enriqueceram consideravelmente, sobretudo metaforicamente e em relação com a me-

⁴ Enciclopédia EINAUDI, Edição Portuguesa (Coordenador responsável, Fernando Gil), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, volume 1, Lisboa, 1984, p. 11.

mória humana consciente, a noção de memória”⁵. Um aspecto que também é interessante é o estudo realizado por psicanalistas e psicólogos acerca das funções da memória além do que pode afectar a memória: o tempo, as emoções, os sentimentos, vivências, imaginação, isto é. A memória é um processo cognitivo e, por isso, retém e recupera informação. É como um sistema aberto que adquire, para depois guardar. Há, também, a memória do indivíduo que dá o sentimento de identidade pessoal, porque as experiências vividas por cada indivíduo são o nosso património pessoal e que nos distingue dos outros, tornando-nos únicos, sempre à procura de referências e novas perspectivas.

As sociedades e os indivíduos têm memória. Desde sempre que há interesse em entender a relação entre a memória e a história⁶. Parece que a própria vida institucional pretende construir uma memória redutora, porque silenciadora dos testemunhos e das narrativas contraditórias. No quotidiano do ser humano há a necessidade de acumular na memória, na recordação, tendo em vista perpetuar a memória de algo. É claro que a sociedade precisa do depositário da memória pela palavra, pela narrativa e pela escrita⁷. Pela escrita a memória evolui. A História veicula algo que é seleccionado, podendo ficar desmemoriados, sendo esta desmemória algo diferente de esquecimento. Assim, sendo o esquecimento uma condição da memória, a desmemória é um apagar por querer da lembrança, um

⁵ *Idem*, p. 13.

⁶ *Idem*, pp. 14 a 46.

⁷ *Idem*, p. 17: “Poder-se-ia falar para os países gregos e romanos de uma civilização da epigrafia”. Nos templos, nos cemitérios, praças, avenidas das cidades ao longo das estradas até “ao mais profundo da montanha, na grande solidão”, as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mudo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra, o mármore, servia o mais das vezes de suporte a uma sobrecarga da memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um carácter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar”.

desinteresse que certos domínios das vivências parecem programar. Porém um paradoxo pode surgir: a obsessão do passado.

Estamos rodeados por exemplos de memória urbanos, arquivos, bibliotecas, museus, memória funerária, memória ligada à escrita. A questão das comemorações pode trazer consigo desmemória quanto o passado longínquo ainda que pareça procurar uma identidade. No entanto a memória é uma guerra entre os que não querem recordar e os que não podem esquecer. É legítima a conquista histórica da memória que não pode esquecer. Só assim se enriquece a memória no sentido de preencher o vazio do tempo. Por isso devemos guardar a memória social, funcionando como referência como respeito pelo passado. Não deixar que a memória fique no esquecimento. Vem a este propósito lembrar o desafio de P. Ricoeur à historiografia actual que reanime a memória declinante. Trata-se da dívida para com as vítimas da história.

Heródoto construiu uma memória com o fito de tornar algo significativo, de fixar o insignificante e o que definha “na expressão grega: *mnémen poiêisthai* [...]”⁸.

Por que temos a necessidade de guardar a recordação do passado? Lembremos a função do *mnemon* na Grécia⁹. Platão, no Fedro, refere que o deus Theuth transformou a memória, enfraquecendo-a¹⁰. Para os Gregos dos tempos arcaicos a Memória é uma deusa que tem a função de lembrar os feitos dos heróis e o poeta possuído pela memória é adivinho do passado como do futuro¹¹.

⁸ ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, p. 96.

⁹ *Idem*, p. 20: “O aparecimento destes funcionários da memória lembra os fenómenos que já evocámos: a relação com o mito, com a urbanização. [...] Com o desenvolvimento da escrita estas “memórias vivas” transformam-se em arquivistas”.

¹⁰ PLATÃO, *Fedro*, Edições 70, Lisboa, 1997, 274c-275b, pp. 119 a 121: “[...] Theuth comentou: “Este é um ramo do conhecimento, ó rei, que tornará os Egípcios mais sábios e de melhor memória. Está pois descoberto o remédio da memória e da sabedoria”.

¹¹ <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine>> (consultado em 3/06/2010).

Esta deusa inspirava os poetas, sendo a poesia um saber. Assim, *Mnemosyne* (Memória) revelava os segredos do passado ao poeta e este inseria-os no mistério do além. Nas doutrinas órfico-pitagóricas a memória é o remédio do esquecimento, pelo que o morto deve alimentar-se da Memória e não do rio Letes, rio do esquecimento. Daí que os exercícios da memória sejam importantes¹².

Para Platão a memória mostra-se como a componente sensível da alma onde existe um bloco de cera, metáfora do bloco de cera, que nos possibilita guardar impressões, quer subsumir-se à experiência temporal¹³. Em cada indivíduo o bloco de cera tem propriedades diferentes. Segundo Platão, Hípias inculcava nos seus alunos um saber Enciclopédico, por meio de técnicas de rememoração¹⁴.

Por outro lado, Aristóteles ao distinguir a memória como fa-

¹² ARISTÓTELES, *Retórica*, (Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero), Editorial Gredos, Madrid, 1990, p. 584: “Y es natural, por cuanto < la oratoria política > trata de asuntos futuros, mientras que la forense se ocupa de hechos pasados, que son susceptibles de conocimiento científico hasta para los adivinos, [...] (él, en efecto, no hacía sus adivinaciones sobre lo que iba a ocurrir, sino sobre los hechos pasados que permanecían oscuros)”.

¹³ PLATON, *Théétte*, Parménide (Traduction et notes par E. Chambry), Garnier-Flammarion, Paris, 1967, 191 c-192 a, p.p. 139, 140 : « Socrate – Suppose donc avec moi, pour le besoin de l’argument, qu’il y a dans nos âmes un bloc de cire, plus grand chez celui-ci, plus petit chez celui-là, d’une cire plus pure chez l’un, plus impure et plus dure chez l’autre, plus molle chez quelques-uns, et chez d’autres exactement conditionnée. [...] Disons maintenant que c’est un présent de la mère des Muses, Mnémósyne, et que, toutes les fois que nous voulons nous souvenir de quelque chose que nous avons vu, ou entendu, on conçu nous-mêmes, nous tenons ce bloc sous nous sensations et nous conceptions et les y imprimons, comme nous gravons le sceau d’un anneau, et que ce qui a été imprimé ainsi, nous nous le rappelons et le savons, tant que l’image reste sur la cire, tandis que ce qui s’est effacé ou qu’il a été impossible de graver, nous l’oublions et ne le savons pas ».

¹⁴ PLATON, *Premiers dialogues*, (Traduction, notices et notes par Émile-Chambry), Paris, 1967, Hippias Mineur/368 a-368 e, p. 74 : « Socrate – [...] et encore j’ai oublié ta mnémotechnie en quoi tu penses t’être spécialement distin-

culdade de conservar o passado¹⁵, de reminiscência como faculdade de evocar o passado – insere a memória no tempo.

A necessidade da lembrança

No Antigo Testamento, no *Deuteronômio*, está presente o dever de recordar, uma memória como um reconhecimento de Yaveth¹⁶. Memória como reconhecimento. Memória da cólera. Memória de injúrias. Promessa da memória, como convite à penitência: “*Lembra-te disso, Jacó; e Israel, que és meu servo! Eu te formei, tu és meu servo; Israel, tu não serás esquecido por mim*”¹⁷. Memória como lembrança: “E tomando um pão, deu graças, partiu-o e deu-lhes dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim”¹⁸. Aos Coríntios, estamos perante um sentido escatológico: “*Pois todas as vezes que comerdes desse pão*

gué [...]». Ver ainda referência a Platão, *Fedro*, in <<http://www.scielo.br/pdf/0D/es/v21n71/a08v2171.pdf>> (consultado em 22/6/2010).

¹⁵ ARISTÓTELES, in <<http://classics.mit.edu/Aristotle/memory.html>>: “But when one has scientific knowledge, or perception, apart from the actualizations of the faculty concerned, he thus ‘remembers’ (that the angles of a triangle are together equal to two right angles); as to the former, that he learned it, or thought it out for himself, as to the latter, that he heard, or saw, it, or had some such sensible experience of it” (consultado em 22 de Junho de 2010).

¹⁶ *Bíblia Sagrada*, Editora Vozes, 50.^a Edição, Brasil, 2005, pp. 10, 211, *Deuteronômio*, 8,11 : «Toma cuidado para não esquecer o SENHOR teu deus, nem deixar de observar os mandamentos, os decretos e s leis que hoje te prescrevo»; 8,14: “[...] então o orgulho te suba à cabeça e esqueças o SENHOR teu Deus, que te libertou do Egito, lugar de escravidão”; 8,18-19: “Mas lembra-te que é o SENHOR teu Deus que te dá poder para prosperares, cumprindo a aliança que jurou a teus pais, como o faz hoje. Mas se te esqueceres do SENHOR e seguires outros deuses, servindo-os e prostrando-te diante deles, eu vos garanto hoje que com toda a certeza perecereis”.

¹⁷ *Idem*, p. 924, Isaías, 44-21.

¹⁸ *Idem*, p. 1251, Lucas, 21-22.

*beberdes desse cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha*¹⁹. A viver a memória das palavras de Jesus: “*Em tudo vos dei exemplo, mostrando-vos que é preciso socorrer os necessitados trabalhando assim e recordando as palavras do Senhor Jesus, que disse: Maior felicidade é dar que receber*”²⁰. S. Paulo refere: “*Lembra-te de Jesus Cristo, descendente de David, ressuscitado dentre os mortos, segundo o meu evangelho*”²¹.

Santo Agostinho apresenta-nos a estrutura da memória psicológica, no livro X de *Confissões*²². Agostinho interessa-se pelos patamares da memória que conduzem “*aos vastos palácios da memória (memoria imaginum)*”²³. Nestas imensas salas da memória encontram-se “*em recessos e cavernas sem número, todas as imagens recordadas, já não dependentes da percepção imediata, mas prontas para se apresentarem assim que o espírito as mande comparecer*”²⁴. Porém, para além destas imagens que entraram pelos sentidos, existem também realidades e não só representações de realidades. Trata-se, assim, de um assentimento da memória que não basta a Agostinho, mas do “*quem*” todo que procura “*o corpo, os sentidos, os afectos, a memória, a inteligência, a vontade, o coração... A sua existência é toda interrogação, donde que a verdade deva ser cordial, existencial, beatificante*”²⁵. Há em Agosti-

¹⁹ *Idem*, p. 1354, 1Coríntios 11-26.

²⁰ *Idem*, p. 1315, Atos, 20-35.

²¹ *Idem*, p. 1402, 2Timóteo, 2-8.

²² AGOSTINHO, Santo, in <http://www.lusosofia.net/textos/rosa_jose_da_ci_sao_extrema_no_maniqueismo_identidade__relacao_confissoes_x.pdf>, p. 29: “ [...] ao mesmo tempo que sublinha os ‘lugares’ fundamentais da topografia psíquica que Agostinho descreve neste livro. Com efeito, trata-se aqui de uma teoria (visão) dos lugares da alma, ou de uma descrição fenomenológica da memória, dos seus processos e conteúdos [...] ” (consultado em 8/06/2010).

²³ *Idem*, p. 30. Cf. ARISTÓTELES, *Confissões*, (Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001, Livro X, pp. 233 a 261.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*.

nho um aspecto interessante da memória, é a memória dos afectos. Esta é natural. Em outro sentido quanto mais o homem conhece, mais tem consciência de quanto desconhece. Há neste pensador a necessidade da memória²⁶. No entanto algo afecta a memória: o esquecimento. Nem abarca a possibilidade da memória nem se diz sem ela. Mas que nota ainda Agostinho na memória²⁷? Uma sala imensa que é ele mesmo: “*Magna uis est memoriae, nescio quid horrendum, deus meus, profunda et infinita multiplicitas; et hoc animus est, et hoc ego ipse sum. quid ergo sum, deus meus? quae natura sum?*”²⁸. Santo Agostinho também se refere ao sistema de visões temporais dizendo que

“ [...] há três tempos, o presente respeitante às coisas passadas, o presente respeitante às coisas presentes, o presente respeitante às coisas futuras. Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coi-

²⁶ <http://www.lusosofia.net/textos/rosa_jose_da_cisao_extrema_no_maniquismo_identidade_relacao_confissoes_x.pdf> p.33: “na memória da memória e memória do esquecimento (*memoria memoriae, memoria obliuionis*). Efectivamente, “lembro-me de me ter lembrado, assim como, posteriormente, se me recordar de que agora pude rememorar estas coisas, hei-de recordá-lo certamente pela força da memória”. “Nomeio a memória e reconheço o que nomeio. E onde o reconheço senão na própria memória? Acaso também ela está presente a si mesma por meio da sua imagem e não por si mesma?” “E, quando nomeio o esquecimento e, do mesmo modo, reconheço o que nomeio, como o reconheceria, se não me lembrasse dele?”. (consultado em 8/06/2010).

²⁷ *Idem*, p. 37: “Agostinho experimenta, ou pelo menos exprime, uma espécie de *pauor sacer*, horror sagrado ante o poder e o abismo da memória. “Grande é o poder da memória, um não sei quê de horrendo (*nescio quid horrendum*), ó meu Deus, uma profunda e infinita multiplicidade; e isto é o espírito, isto sou eu mesmo”. (consultado em 8/06/2010).

²⁸ *Ibidem*. (consultado em 8/06/2007).

sas presentes, expectativa presente respeitante às coisas futuras”²⁹.

Desenvolveu-se na Igreja a oração pelos mortos. Há um outro aspecto em que os Livros memoriais tratam o esquecimento dos que estavam destinados a ser lembrados. Havia também, para os indignos o remover da memória, como alguém que nunca tivesse existido. Porém, aquele que destrísse a memória de uma pessoa era visto como destruindo essa pessoa. No cânon da missa há preces que foram introduzidas para lembrar os nomes dos mortos memoráveis e hoje até lembrar os vivos³⁰.

Comemorar faz parte da vida do homem, como nas festas, no calendário. Este é um facto de que as comemorações se multiplicam e também a nível político. Comemorar o passado através de vários meios como medalhas, selos, moedas, estatuária. Acrescem os monumentos de lembrança, de glórias. Construção de monumentos aos mortos, como por exemplo o monumento ao Soldado Desconhecido. Que representa? A lembrança do anonimato num cadáver sem nome?

Pela fotografia o ser humano também guarda a memória do tempo. Na actualidade a memória electrónica. As investigações no domínio da memória biológica e a importância do núcleo da célula onde se encontra a memória da hereditariedade. Henry Bergson realça as ligações entre memória e espírito e a par de uma memória superficial existe uma memória profunda que se analisa em termos

²⁹ ARISTÓTELES, *Confissões*, (Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Livro XI, 20.26 Lisboa, 2001.

³⁰ <www.santamissa.com.br/temas_interesse/temas.asp?tema=Morte&id=9&id_texto=19>. São de referir também os “Libri Vitae” e os “*Libri Memorialis*” (consultado em 6/06/2010).

de progresso³¹. É a abertura à narrativa como em Marcel Proust³². A este propósito as interrogações sobre o que é a memória em André Breton³³ e a Interpretação dos sonhos de Freud permitem ir ao mais profundo da memória. As Ciências Sociais como a Sociologia, a Antropologia viriam a relacionar a memória com o tempo longo, procurando a memória nas palavras, nos gestos, nos rituais. Trata-se da necessidade de não perder a memória, os lugares e os criadores de memórias como a política, a sociedade, as comunidades, os Estados.

A memória continua a ser a grande questão da sociedade, das comunidades, da humanidade. Os indivíduos e as sociedades de hoje, dominados pelo medo e pela angústia, têm na memória uma actividade principal pois torna-se importante não perder a consciência do seu passado, quer dizer, de si próprios. Torna-se urgente salvar a memória, porque é nesta que cresce a história, para não esquecer o passado tendo em vista o presente e o olhar o futuro. Sem a tradição “ – *que seleccione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, [...]*”. A memória realiza a articulação entre o acontecimento vivido nas mentes, sendo com esta articulação que a história pode ser contada segundo Hannah Arendt. Por isso a função da mente é compreender o que aconteceu. Isto porque segundo Faulkner: “*o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado*”³⁴.

³¹ <http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/matiere_et_memoire/matiere_et_memoire_av_pr>. (consultado em 6/06/2010).

³² PROUST, Marcel, in <www.page2007.com/news/proust> (consultado em 6/06/2010).

³³ BRETON, André, in <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20843/000720013.pdf?sequence=0> (consultado em 22/6/2010).

³⁴ *Idem*, p. 37.

SEGUNDA PARTE

NA PRESENÇA DE OUTROS

O significado de estar no tempo

O passado, a ressignificação do passado, ainda está em aberto, pois enquanto estamos no tempo o sentido nunca está completo. Assim, “*a ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente; compromete, no presente, a própria acção*”³⁵. O homem não é imutável, pois sabemos que o homem mudou e se transformou. Entre as épocas há uma relação e, por isso, torna-se importante conhecer o presente para compreender o passado. É preciso pôr em questão o conceito de um determinado passado fechado e de um futuro fechado. Às nossas experiências vamos buscar os elementos para reconstituir o passado e abrir o futuro pois “*Isolado, ninguém compreende as coisas senão por metade, [...]*”³⁶.

Hannah Arendt detecta uma lacuna entre o passado e o futuro dado ter-se feito em pedaços a tradição no mundo ocidental “ [...]

³⁵ BLOCH, Marc, *Introdução à História*, (Tradução de Maria Manuela Miguel e Rui Grácio), Publicações Europa-América, 3.^a Edição, Mira-Sintra, 1976, p. 40.

³⁶ *Idem*, p. 46.

com a irrupção do surto totalitário [...]”³⁷. A este aspecto não é alheio o pensamento hegeliano de que o real é racional e vice-versa que teria como resposta a preocupação com o humano, retomando a tradição. A tradição perdeu-se, pois como pode a memória reter algo sem sentido? A mente dos homens não fixou o que fazer sem história para contar, pois como diz Tocqueville “*Desde que o passado deixou de lançar a sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas*”³⁸. O passado deixava de lançar luz sobre o futuro. O conhecimento do passado é algo em progresso, pelo que é preciso revelar o mais profundo da mente. O passado ainda está em aberto. Enquanto estamos no tempo o sentido ainda está em aberto, nunca está completo. Daí que o homem precise de fazer as pazes com o mundo. Mas como? Pela acção que leva ao pensamento situando-se este no tempo para que não se apaguem as coisas que os homens fizeram. Que significam “passado” e “futuro”? Um peso? Não, um movimento para a frente e para o passado, porque “*Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é contínuo, [...]*”³⁹. Porém o homem situa-se no tempo e, por isso, o tempo mostra-se como passado, presente e futuro. Aqui há uma novidade: o homem situa-se num tempo humano com passado e futuro não em termos abstractos, mas enquanto ser aqui, no real em descoberta. Como vive o homem neste espaço? Pela experiência.

Hannah Arendt aponta para a forma como o homem se salva em algo fora das suas acções, seja na mundanidade, seja por meio da significação⁴⁰. No entanto, na acção de se desfazer o que se fez é que escapamos ao domínio imediato, sendo a solução para a irre-

³⁷ ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, p.10.

³⁸ *Idem*, p. 32.

³⁹ *Idem*, p. 37.

⁴⁰ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, (Tradução de Roberto Raposo), Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2001, p. 288: “Em cada um destes casos, o que redime o homem [...] é algo inteiramente diferente, é algo que vem de fora, não do homem, por certo, mas de cada uma das suas respectivas actividades”.

versibilidade a faculdade do perdão. A única maneira de resolver a irreversibilidade é perdoar. Fazer promessas, para a questão da imprevisibilidade. Pelo perdão desfaz-se o que está fechado, a culpa. Pela promessa cria-se o futuro, ilhas de segurança. Por isso, a nossa identidade é dada mais por um projecto. Deste modo, se a nossa acção fosse sempre um peso, como poderíamos fazer qualquer coisa? O futuro parecer ser um peso excessivo, como se dar um passo fosse uma tragédia. As promessas estabelecem quem somos. No entanto, tanto o perdão como a promessa dependem dos outros. Nós podemos prometer e ser fiéis às nossas promessas. No próprio acto de prometer, me comprometo. Quer dizer, perdão e promessa dependem da pluralidade, ou seja, é preciso passar à acção, é preciso o espaço do outro, alteridade⁴¹. O importante na perspectiva de Hannah Arendt é ser bom sem se dar conta disso, sem se sair do paraíso. Trata-se de que a força de ser humano é inerente à relação com os outros, à capacidade de agir.

Há na perspectiva apresentada por Hannah Arendt o caminho que deve partir da relação para a identidade. A autora usa Jesus como exemplo do descobridor do perdão no domínio das relações humanas, que enraíza na tradição, como ponto de partida de experiências autênticas. O perdão provém de uma ordem de experiências políticas fundamentais esquecidas: encontrar em Jesus um homem que sonhou um reino onde o poder de perdoar vem da relação entre os homens. Assim, seguir a Igreja seria viver pela negativa, pois não é Deus que perdoa, mas o homem. Jesus é o mensageiro secular, laico pois tinha vontade em mudar o mundo como os homens de acção⁴². Jesus é como um fundador, homem divino.

(Daqui em diante citamos a obra da seguinte maneira: ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, p. x).

⁴¹ *Idem*, p. 290: “Por outro lado, o código moral inferido das faculdades de perdoar e de prometer baseia-se em experiências que ninguém pode ter consigo mesmo e que, pelo contrário, se baseiam inteiramente na presença de outros”.

⁴² ARENDT, Hannah, *A Vida do Espírito*, (Tradução João C. S. Duarte), vo-

Distinguindo o crime e o mal intencional do pecado, Hannah Arendt direcciona-se para o carácter quotidiano do pecado como estabelecendo laços, precisando da acção de desligar por meio do perdão relativamente aos actos praticados na ignorância, possibilitando o decurso da vida. Na medida em que os homens se perdoam, só assim são seres livres no sentido em que possuem o poder de começar sempre, perdoando. Na expressão “perdoar os vencidos” está patente o resquício de que no perdão se encontra o que é preciso para corrigir os danos provenientes da acção que não podiam ser evitados.

O mal que se fez não se pode apagar, mas sim perdoar. Por isso, se não fôssemos libertados, desobrigados do que fizemos, a nossa acção estaria circunscrita a um acto irrecuperável, de não repor o antigo estado de coisas. Isso faria de nós “ [...] para sempre as vítimas das suas consequências [...] ”⁴³ pois não se desfazia o que tinha sido feito. Porém, “*Las personas son seres que pueden prometer. Eso significa que pueden establecer una vinculación con otras personas que fundamenta la esperanza y el derecho de la persona a la que se hace la promesa a que se cumpla lo prometido*”⁴⁴. Se não fôssemos perdoados estaria destruída a personalidade humana e a nossa capacidade de agir, colocando-se em causa a conservação da nossa identidade, autonomia. Em consequência, caminharíamos desamparados e sem rumo “*nas trevas do coração de cada homem, enredados nas suas contradições e equívocos*”⁴⁵. Hannah Arendt considera as acções humanas irreversíveis e imprevisíveis, daí que a solução para esses problemas esteja na faculdade de prometer e cumprir promessas, considerando

lume II – querer, Instituto Piaget, Lisboa, 2000, p. 223. (Daqui em diante citamos a obra da seguinte maneira: ARENDT, Hannah, *A Vida do Espírito*, p. x).

⁴³ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, p. 290.

⁴⁴ SPAEMANN, Robert, *Personas*, (Traducción y estudio introductorio José Luís del Barco), Ediciones Universidad de Navarra, S.A., Pamplona, 2000, p. 213.

⁴⁵ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, p. 289.

mesmo que em oposição ao perdão que sempre foi visto como ir-realista na esfera pública a promessa ilumina aquela esfera porque a presença dos outros sela a identidade entre promotor e o que desobriga. Ou seja, tanto a faculdade de perdoar como a de fazer promessas provêm da pluralidade, porque o perdão e a promessa só têm realidade na presença de outros.

Dado existir uma reciprocidade entre aquelas faculdades e a condição humana plural, a sua função é a de orientação na política. Porém, esta função nada tem a ver com a prescrição da moral. Assim, pelo perdão e pela promessa estão presentes experiências que precisam da presença de outros. Por isso, a grandeza e as espécies do perdão e da promessa que cada um recebe, adscrevem outras tantas formas de perdão para si e de promessas para cumprir. Há um aspecto a realçar, pois a oposição contra os processos de acção produz o seu efeito no domínio da pluralidade, dos assuntos humanos. A ciência e a técnica com o seu poder fizeram surgir de modo não real “ [...] a irreversibilidade assim como a imprevisibilidade humanas no reino da natureza, onde não há remédio para desfazer o que foi feito”⁴⁶. O poder do Homem mostra-se na sua capacidade de agir, podendo subverter e destruir essa mesma acção enquanto “ [...] condições nas quais a vida lhe foi dada”⁴⁷.

Jesus teve a experiência de algo novo⁴⁸. Também homens posteriormente, na Idade Moderna, tentaram ultrapassar a tradição no sentido de responder à falta de fé não só em Deus bem como na razão trazendo a dúvida às crenças. O ponto de vista de Jesus era afirmar que não é somente Deus que tem o poder de perdoar⁴⁹ e que este poder se origina entre os homens, sendo esta a razão do perdão

⁴⁶ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, pp. 290-291.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ *Bíblia Sagrada*, Editora Vozes Lda., Edição 50, 2005, Mt 23,1-36, pp. 1184 e 1185.

⁴⁹ *Idem*, Mt 9, 4-6, pp. 1166-1167: “ [...] Pois bem, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder de perdoar os pecados – disse então ao paralítico: Levanta-te, pega o teu leito e vai para casa”.

que podem ter de Deus. É o homem no seu íntimo que deve perdoar e, ao fazer isto, Deus também perdoa⁵⁰ “*Porque, se perdoardes as ofensas dos outros, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas, se não perdoardes aos outros, vosso Pai também não vos perdoará as ofensas*”⁵¹. É um poder de perdoar com raízes terrenas, essencialmente humano. Deus perdoa-nos assim como nós perdoamos aos outros. Trata-se do dever de perdoar⁵² que não se aplica ao “crime e ao mal intencional”. Neste aspecto Hanna Arendt realça a raridade destes relativamente às boas acções.

Qual a razão do pecado? É resultado das nossas relações numa teia de relações estabelecidas pela acção. Por isso, o perdão é necessário para desobrigar os homens a fim de que a vida continue, quando fazem algo sem isso saberem. Os homens libertando-se uns aos outros afirmam-se como sujeitos senhores da acção, pois mostram uma disposição para mudar de ideias, originar algo novo. Por isso o perdão faz com que os intervenientes fiquem na teia do processo, permitindo uma reacção como algo novo. Neste caso de acção o perdão pode actuar de modo inesperado. É algo imprevisível que age de novo sem condicionamento pelo acto que lhe deu origem.

Para Hannah Arendt a punição surge como opção relativamente ao perdão, pois há um objectivo em ambos: colocar fim em algo que poderia continuar sem limites. Denota-se o facto de os homens poderem não ter perdão para algo que não pode ser punido, do mesmo modo que não podem punir o que é imperdoável. Trata-se do “mal radical” que pode surgir no domínio público. O que é que causa o mal? Apesar das variações à origem do mal, Hannah Arendt considera que “*O mal, de maneira nenhuma não muito diferente da liberdade, parece pertencer àquelas “coisas acerca*

⁵⁰ *Idem*, Mt 18, 35, pp. 1179-1180: “Assim também fará convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar seu irmão de todo o coração”.

⁵¹ *Idem*, Mt 6, 14-15, p. 1164.

⁵² *Idem*, Lc 17, 3-4, p. 1245: “[...] Se pecar contra ti sete vezes num dia e sete vezes vier procurar-te, dizendo: “Estou arrependido”, tu perdoarás”.

das quais o homem mais culto e mais engenhoso não pode saber quase nada”⁵³.

Retornando ao aspecto de o homem destruir e fazer, há que ver a ligação entre perdoar e agir com destruir e fazer pois no perdão há a circunstância de que a acção de desfazer o que foi feito parece ter o carácter de manifestação inerente ao que é feito, porque o próprio perdão e a relação por ele firmada forma um tema pessoal, no sentido de relacional em que o que foi realizado é perdoado a quem o realizou. É o poder do amor para perdoar os pecados devido ao seu poder de manifestação clara sem igual. Assim, o amor destrói o que medeia entre o nós e os outros. Se colocar em paralelo o amor e o respeito, para Hannah Arendt “o respeito é uma espécie de “amizade” sem intimidade ou proximidade de [...]”⁵⁴, o respeito é a consideração pela pessoa e é suficiente para que se lhe perdoe o mal feito. Porém, ninguém pode perdoar-se a si mesmo pois à semelhança da acção e do discurso, no perdão também dependemos dos outros.

Um ser capaz de acção

A força de prometer está presente no sistema legal de *acordos e tratados*. Ao contactarmos com a imprevisibilidade do acto de prometer, é notório que o que se pode prometer são acções, porque estas estão impregnadas de vontade. E isto, porque os homens não têm a certeza do que podem vir a ser nem isso pode ser, não podendo mesmo garantir o que serão no futuro. O facto de o homem não poder contar consigo próprio nem confiar de modo absoluto em si mesmo mostra o peso da responsabilidade. Este é o resul-

⁵³ ARENDT, Hannah, *A Vida do Espírito*, p. 41.

⁵⁴ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, pp. 295.

tado de ser plural, pela teia de relações que os homens estabelecem uns com os outros.

Mas que significa prometer? Que tipo de poder é?

O poder de prometer é uma alternativa, um limite que estabiliza a imprevisibilidade e a criatividade na acção, isto é, “[...] a única alternativa a uma supremacia baseada no domínio de si mesmo e no governo de outros”⁵⁵. Por isso, é importante na interacção humana a existência da liberdade, dos homens serem uns com os outros. Deste modo os acordos são importantes na interacção humana. Neste sentido os contratos são como mundo imenso, onde podem surgir lugares com sentido de futuro, como uma construção de referentes de firmeza. E que quando as pessoas não agem em relação, deixando de estar unidas, as promessas deixam de ser lugares de certeza. É porque os homens estão unidos que surge o poder, pois existe um acordo no momento em que obriga os homens mutuamente pela promessa. As comunidades políticas são resultado da acção, da vida activa, num agir conjunto baseado na associação entre os homens no espaço público. Trata-se de uma soberania de um grupo de pessoas. É uma superioridade que deriva de uma capacidade: previsão do futuro, para dispor dele como se este fosse o presente. Daí a diferença entre soberania e mestria.

Perdoar e ser perdoado, fazer promessas e cumpri-las são, segundo Hannah Arendt “os únicos preceitos morais que não são aplicados à acção a partir de fora [...] fora do alcance da própria acção”⁵⁶. Surgem de sermos uns com os outros pela acção e o discurso. Perdoar e intervir no quotidiano pela acção, significa estarmos entregues a nós próprios, iniciando algo novo, como num nascer para começar. Só o exercício da acção pode conceder fé aos assuntos humanos. Trata-se de focar no poder de crer da pessoa, na esperança expressa na própria capacidade para começar visível na natalidade, quer dizer, no facto de novos homens aparecerem no

⁵⁵ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, pp. 296.

⁵⁶ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, p. 298.

mundo pelo nascimento. Para reeditar a vida. No entanto, pode o homem estar seguro do seu futuro? Como vimos a acção humana anda ligada à pluralidade da acção humana, pois “ [...] *repousa no facto da natalidade, por meio do qual o mundo humano é constantemente invadido por estrangeiros, recém-chegados cujas acções e reacções não podem ser previstas por aqueles que nele já se encontram e que dentro em breve irão deixá-lo*”⁵⁷. Quer isto dizer, onde quer que o homem exista aí são iniciados processos como algo que resulta da acção do homem. Ou de um ser capaz de acção? Isto na linha do homem moderno. Está nisto, para Hannah Arendt, a solução para o problema da imprevisibilidade: prometer e cumprir promessas. Porém, a própria autora tem consciência de um certo impasse, pois o argumento parece querer significar que pelo nascimento estamos condenados à liberdade ou se pode eximir à responsabilidade⁵⁸ pois a capacidade para agir própria do homem pode ser fonte de perigos mas também de magnanimidade.

⁵⁷ ARENDT, Hannah, *A Vida do Espírito*, p. 92.

⁵⁸ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, p. 233.

CONCLUSÃO

O indivíduo tem, como vimos, a capacidade para reter informações, aquilo a que se chama memória. É importante não descurarmos o interesse pela memória bem como pelo esquecimento pois com o tempo a memória fica corroída, como que se desfia sendo, às vezes, difícil reconstituir os bocados que nos parecem incertos. Apesar deste aspecto é também verdade que o ser humano recorda com nitidez acontecimentos passados.

Freud preocupou-se com o estudo do esquecimento, realçando que o indivíduo esqueceria recordações dolorosas, traumatizantes sendo reprimidas na zona inconsciente do psiquismo.

Na linha de Hannah Arendt pode acontecer que haja uma quebra entre o passado e o futuro, manifestando-se num fecho do acesso aos acontecimentos do passado, numa espécie de esquecimento dos mesmos. Porém, a autora defende que o passado pode ser importante para o presente se a memória o usar, pois pela recuperação do passado pode-se garantir um sentido para o presente, porque recordar é reconstruir pois

“Tudo se tornou perecível, excepto talvez o coração humano; a imortalidade não mais é o meio em que se movem os mortais, mas refugiou-se, desabrigada no coração mesmo da mortalidade; coisas imortais, obras e feitos, eventos e até palavras, embora ainda possam os homens ser capazes de externalizar e como

*que reificar a recordação em seus corações, perderam seu abrigo no mundo; [...]*⁵⁹.

À semelhança da tarefa do poeta e do historiador gregos devemos fazer permanecer algo na recordação, pois a memória como que nos restitui os dados da experiência mais ou menos intactos, porque sem memória perde-se a vida anterior e interior, pois sem a referência do passado morrem os afectos e os laços do sentimento. É assim, porque um dia compreendemos a importância que teve para nós um determinado local, as vistas que o olhar alcançava, as flores, o cheiro. Lembramo-nos do pai, da mãe, dos filhos, das pessoas que passaram nas nossas vidas. Recordamos as acções feitas no passado, o mal possivelmente realizado.

Não sendo fácil descodificar os textos de Hannah Arendt há, porém, algo que se nota: a crise no mundo contemporâneo. Para esta crise contribuiu a destruição da tradição, como se vê na obra da autora “*Entre o Passado e o Futuro*”. Hannah Arendt, na sua qualidade de judia, faz lembrar os emigrantes na forma desprotegida com que vivem. Qual a razão de fluxo de tantas pessoas de país para país? Expulsões? Perda da nacionalidade? Ou falta de possibilidade do seu país dar direitos mínimos às pessoas ou poderem garantir as necessidades básicas ou oferta de emprego. O estrangeiro é muitas vezes visto como perturbador da paz interna dos países acolhedores. Porém, qual é a maneira para solucionar o que se fez, desfazer o que se fez? Só pelo perdão e pela promessa, pelos acordos e tratados, se podem criar pontos firmes para configurar o futuro nas relações entre os homens. Uma nova maneira de pensar a verdade, sendo necessário lançar luzes sobre o futuro para se evitar a segregação política, cultural e de género, ajudando solidariamente todos os que foram obrigados a deixar a sua terra de origem. É por isso que uma acção depois de realizada não é previsível quanto ao seu fim, sendo antes um meio para solu-

⁵⁹ ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, p. 73.

cionar tensões por danos causados. É urgente ultrapassar a dicotomia “nós”-“eles” relativamente, por exemplo, aos estrangeiros, pois trata-se de um fenómeno político. O importante é a capacidade para começar, dado que o homem “ [...] *é livre porque é um começo [...]*”⁶⁰. Por isso, o nascimento de cada homem é a confirmação de que continuará vivo depois de morrer. Esta capacidade é o que permanece nas épocas de crise, inspirando os homens na teia de relações que tecem entre si como criando “milagres” na linguagem corrente. No entanto o carácter miraculoso está presente na vida quotidiana. Não se trata de uma superstição mas na vida terrena dos homens, “*na dimensão humana, conhecemos o autor dos “milagres”*”⁶¹. O homem.

⁶⁰ *Idem*, p. 216.

⁶¹ *Idem*, p. 220.

BIBLIOGRAFIA

Obras da Autora

ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, (Tradução de Roberto Raposo), Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2001.

ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, (Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida), Editora Perspectiva, Brasil, 2000.

ARENDT, Hannah, *A vida do espírito*, (Tradução João C. S. Duarte), volume II – querer, Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

Enciclopédias

Enciclopédia EINAUDI, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Volume 1, Lisboa, 1984.

Obras Gerais

ARISTÓTELES, *Retórica*, (Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero), Editorial Gredos, Madrid, 1990.

ARISTÓTELES, *Confissões*, (Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Livro XI, 20.26 Lisboa, 2001.

Bíblia Sagrada, Editora Vozes, 50.^a Edição, Brasil, 2005.

BLOCH, Marc, *Introdução à história*, (Tradução de Maria Manuela Miguel e Rui Grácio), Publicações Europa-América, 3.^a Edição, Mira-Sintra, 1976.

PLATÃO, *Fedro*, Edições 70, Lisboa, 1997.

PLATON, *Théétte*, Parménide (Traduction et notes par E. Chambry), Garnier-Flammarion, Paris, 1967.

PLATON, *Premiers dialogues*, (Traduction, notices et notes par Émile-Chambry), Paris, 1967, Hippias Mineur.

SPAEMANN, Robert, *Personas*, (Traducción y estudio introductorio José Luís del Barco), Ediciones Universidad de Navarra, S.A., Pamplona, 2000.

Webgrafia

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine>> (consultado em 3/06/2010).

<<http://neurociencia.tripod.com/mnemosine.htm>> (consultado em 3/06/2010).

<<http://molimpo2.sites.uol.com.br/letes.htm>> (consultado em 3/06/2010).

<www.thelatinlibrary.com/cicero/oratore.shtml> (consultado em 3/06/2010).

<http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/matiere_et_memoire/matiere_et_memoire.html> (consultado em 6/06/2010).

<www.page2007.com/news/proust> (consultado em 6/06/2010).

<www.santamissa.com.br/temas_interesse/temas.asp?tema=Morte&id=9&id_texto=19> (consultado em 6/06/2010).

<www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf> (consultado em 7/06/2010).

<www.lusosofia.net/textos/rosa_jose_da_cisao_extrema_no_maniqueismo_identidade__relacao_confissoes_x.pdf> (consultado em 7/06/2010).

<www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20843/000720013.pdf?sequence=0> (consultado em 7/06/2010).

<www.scielo.br/pdf/%0D/es/v21n71/a08v2171.pdf> (consultado em 22/6/2010).

<<http://classics.mit.edu/Aristotle/memory.html>> (consultado em 22/6/2010).